



Amazônia em pauta no regime militar: uma análise da revista Realidade

Fabício Fonseca Ângelo¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4907-9744>

Leonel Azevedo de Aguiar²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1220-2131>

93

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que analisou matérias jornalísticas sobre a Amazônia brasileira produzida pela revista Realidade em dois períodos distintos: os primeiros três anos de existência da revista (1966 a 1968) e os primeiros três anos do início da implantação do Plano de Integração Nacional, que incluía a construção da Rodovia Transamazônica e criação de assentamentos na região (1971 a 1973). Utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo, examinou-se os principais temas ambientais abordados nas reportagens visando compreender como a revista realizou o enquadramento jornalístico dos planos do governo federal, na época do regime militar, para a região.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo Ambiental; Amazônia; revista Realidade; *Newjournalism*.

The Amazon on the military regime's agenda: an analysis of the Realidade magazine

Abstract

This article presents the results of a research that analyzed journalistic articles about the Brazilian Amazon produced by the Realidade magazine in two distinct periods: the first three years of the magazine's existence (1966 to 1968) and the first three years of the beginning of the implementation of the National Integration Plan, which included the construction of the Transamazon Highway and the creation of settlements in the region (1971 to 1973). Using the Content Analysis methodology, we examined the main environmental themes addressed in the reports in order to understand how the magazine framed the journalistic plans of the federal government, at the time of the military regime, for the region.

Keywords: Journalism; Environmental Journalism; Amazon; Realidade magazine; *Newjournalism*.

Tramitação:

Recebido em: 08/03/2023

Aprovado em: 01/06/2023

¹ Doutor em Comunicação (PUC-Rio), Mestre em Ciência Ambiental (UFF) e jornalista diplomado (UFAL). Integrante do Grupo de Pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais. Foi Editor Científico da Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia). E-mail: fabrangelo@gmail.com.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio. Doutor e Mestre em Comunicação (UFRJ). Jornalista diplomado (UFF). Coordenador do Grupo de Pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais. E-mail: laaguiar@uol.com.br



Introdução

A Amazônia é vista hoje como um santuário da biodiversidade mundial, responsável por muitas relações biológicas que influenciam desde o clima até a estocagem de carbono. No Brasil, por muitos anos, a floresta foi vista como símbolo do lado desconhecido do território nacional. Esse artigo demarca e analisa dois períodos dessa relação do jornalismo com a Amazônia: o final da década de 1960 e o início da década de 1970.

A região amazônica - oficialmente designada Amazônia Legal - ocupa 5.015.068 km², correspondentes a cerca de 58% do território brasileiro e se distribui por nove estados: Amazonas, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Pará, Tocantins, Mato Grosso e parte do Maranhão. É o ecossistema que abriga a maior diversidade biológica do planeta e, segundo último censo demográfico da região divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), é também residência de 20,3 milhões de pessoas em 772 municípios.

A Amazônia é vista como um belo presente da natureza, com suas florestas abundantes, grandes rios e culturas milenares de povos indígenas e tradicionais, porém essa imagem tão suave e perfeita da região tem sido desmantelada pelo processo de ocupação fortemente marcado pelo desmatamento, pela degradação dos recursos naturais e por conflitos sociais e violência. De acordo com Verissimo (2012), o desmatamento é relativamente recente na história da Amazônia brasileira e foi impulsionada a partir da década de 1970 pelo governo federal, durante o regime militar, por meio de incentivos para a ocupação e integração da região ao resto do país. Até 1975, após mais de quatro séculos de ocupação, menos de 1% do território da Amazônia havia sido desmatado.

Em 1966, durante o regime militar, o presidente da República, general Humberto Castelo Branco, sancionou a Lei 5.173 (BRASIL, 1966), que criou a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). A lei dava a pessoas jurídicas: isenção de impostos de renda, taxas federais, atividades industriais, agrícolas, pecuárias e de serviços básicos, dava isenção de impostos e taxas para importação de máquinas e equipamentos, bem como para bens doados por entidades estrangeiras. Era o início de um processo mais interiorizado de ocupação da região, rica em minérios e recursos madeireiros.

Um anúncio publicitário típico da ideologia do militarismo em relação a região amazônica, patrocinado pelo Banco da Amazônia e veiculado na revista Realidade número 25, de abril de 1968, ressalta as vantagens de se investir na região. Afirma o texto do anúncio:



“Se você quer mesmo ganhar dinheiro esse ano, a primeira providência é pagar menos imposto de renda. Para começar, você só paga ao governo metade do imposto de renda de sua empresa. Os outros 50% você transforma em investimento na Amazônia ou no Nordeste”.

Por meio desse anúncio, podemos destacar a intenção do regime militar em propagar a idealização de uma Amazônia rica e próspera para quem estivesse disposto a desbravar as dificuldades do bioma. Além disso, ao incentivar essas atividades, aumenta-se o interesse da população e conseqüentemente dos veículos de informação sobre a região, tendo como exemplo as reportagens publicadas pela revista Realidade sobre o tema.

O anúncio publicado na revista parece indicar que o regime militar queria agendar suas ações a partir de um plano de comunicação que “vendessem” a imagem da Amazônia de maneira a construir um ideário nacional sobre a região. Cabe ressaltar que essa estratégia de propaganda oficial não ficou restrita apenas aos anúncios pagos para fomentar o mote da “terra idílica” e avançou também para as pautas sobre meio ambiente das reportagens. Essa pesquisa, portanto, tem como objetivo analisar uma série de reportagens sobre a Amazônia a partir de amostra retirada também da revista Realidade, conforme se explica em detalhes nas seções a seguir desse artigo.

Política de Estado para ocupação

No ano de 1970, após uma visita a região Nordeste, o então presidente da República, general Emilio Garrastazu Médici, e sua comitiva começaram a conceber a construção de uma rodovia que ligaria o Nordeste brasileiro a região Amazônica. Em 16 de junho do mesmo ano, cria-se a Lei 11.106 que institui o Programa de Integração Nacional, transcrito seus primeiros parágrafos abaixo.

Art. 1º É criado o Programa de Integração Nacional, com dotação de recursos no valor de Cr\$ 2.000.000.000,00 (dois bilhões de cruzeiros), a serem constituídos nos exercícios financeiros de 1971 a 1974, inclusive, com a finalidade específica de financiar o plano de obras de infraestrutura, nas regiões compreendidas nas áreas de atuação da SUDENE e da SUDAM e promover sua mais rápida integração à economia nacional.

Parágrafo único. Os recursos do Programa de Integração Nacional serão creditados, como receita da União, em conta especial no Banco do Brasil S.A.

Art. 2º A primeira etapa do Programa de Integração Nacional será constituída pela construção imediata das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém.





§ 1º Será reservada, para colonização e reforma agrária, faixa de terra de até dez quilômetros à esquerda e à direita das novas rodovias para, com os recursos do Programa de Integração Nacional, se executar a ocupação da terra e adequada e produtiva exploração econômica (BRASIL, 1970).

A partir desse decreto, o governo brasileiro dá início a ocupação da Amazônia por migrantes vindos de toda a parte do país, principalmente do Sul e do Nordeste, que recebiam de 100 a 300 hectares de terras devolutas, as margens da rodovia, além de apoio financeiro para fincarem seus pés e a esperança nesses locais, que poderia formar o um suposto *Eldorado* brasileiro, conforme o imaginário vigente entre os militares naquela época. As riquezas naturais da região Amazônica sempre foram frequentemente associadas à ideia exótica de *Eldorado* e, embora seja um termo ambíguo que remete a uma civilização inexistente ou lugar fictício, ainda é possível constatar que essa referência continua presente, conforme apresenta Homma (2002) em “Biodiversidade da Amazônia: um novo Eldorado?”.

A política de ocupação da Amazonia foi instituída pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (Incra) e o processo de colonização se realizou por meio de agrovilas (ainda muito comuns em algumas regiões), agrópolis (conjunto de agrovilas) e rurópolis (conjunto de agrópolis), hoje chamada de sede e de onde surgiram muitos municípios amazônicos.

Jornalismo e meio ambiente

A prática de pautar matérias de cunho ambiental vem aumentando nos últimos anos, principalmente após a ampla divulgação do quarto relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), da Organização das Nações Unidas (ONU) em fevereiro de 2007, que alertou sobre as contribuições das ações humanas nas mudanças climáticas. Também não podemos deixar de citar os eventos organizados pela ONU, como as Conferências sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, realizadas em Estocolmo em 1972 e no Rio de Janeiro em 1992, 2002 e 2012, que trouxeram o tema para o patamar global.

O jornalismo com ênfase nas pautas ambientais surge juntamente com o movimento ambientalista no fim da década de 1960. A primeira entidade reunindo jornalistas preocupados com a questão ambiental surgiu na França durante a Conferência da Biosfera, em 1968. No Brasil, no mesmo período, o jornalista Randau Marques destaca-se com duas reportagens investigativas sobre temáticas ambientais, uma delas sobre a contaminação de





trabalhadores de gráficas e sapatarias por chumbo na cidade de Franca, no estado de São Paulo, em um jornal local. A outra reportagem denunciava os males transmitidos por “defensivos agrícolas” - que ele denominou agrotóxicos - às pessoas e ao ambiente. Por essas matérias jornalísticas, foi preso, torturado e acusado de subversão pelo regime militar.

De acordo com Massierer (2011), o jornalismo ambiental tem, como critérios, a “incorporação da visão sistêmica, a ampliação do número de fontes da área a serem consultadas, a profundidade do conteúdo e a abordagem qualificada das notícias de meio ambiente”.

A Amazônia tem sido tema rotineiro nas redações dos veículos de comunicação não só do Brasil, mas de todo o mundo. A divulgação de catástrofes ambientais na região é motivo de preocupação para cientistas, ambientalistas e governos. A preocupação mundial com as perdas dos bosques tropicais vem aumentando desde a década de 1980. Inicialmente, o foco era conter a perda de biodiversidade e as ameaças sobre os povos indígenas que habitam essas florestas. Com a intensificação do debate sobre o aquecimento global e o papel essencial que as florestas tropicais têm na regulação do clima e no estoque de carbono, a conservação dessas áreas tornou-se ainda mais estratégica para o planeta (VERÍSSIMO, 2012).

Realidade: fenômeno editorial

A revista Realidade foi criada em abril de 1966 pela editora Abril e era muito elogiada por ter uma diagramação avançada para a época, com equilíbrio entre texto e fotografia, além de um estilo inovador para os padrões jornalísticos da época em seu modo de escrever os textos das reportagens (FARO, 1999).

De 1966 a 1976, a revista teve 120 edições, com tiragens que chegavam a 500 mil exemplares. Abordou temas polêmicos para a época como divórcio, direitos das mulheres, juventude e sexo. Também ficou famosa por pautar muitas de suas capas de acordo com resultados de pesquisas realizadas pela própria revista, respondida e encaminhada pelos leitores.

Segundo Sandes (2014), cada edição da revista trazia 12 matérias sobre diferentes assuntos. Uma fórmula que um dos redatores da revista, Mylton Severiano da Silva, chamou de caleidoscópio. Não foram apenas as escolhas dos temas os atributos positivos alcançados por Realidade, mas também seu texto inovador. Utilizando da linguagem típica do *Newjournalism* norte-americano, a revista Realidade traz reportagens longas e detalhadas, às vezes com mais de 20 páginas, onde o leitor fica com a sensação de estar “dentro” da história.





Em outubro de 1971, o número 67 da revista Realidade trouxe uma edição especial sobre a Amazônia, com 348 páginas e uma tiragem de 300 mil exemplares, considerado até hoje um documento indispensável para quem pesquisa sobre a história da região. De acordo com Victor Civita, na seção Carta do Editor da revista,

[...] o sucesso de Realidade superou as melhores expectativas. Em menos de uma semana, praticamente toda a edição desapareceu das bancas, e a corrida para conseguir um exemplar prosseguiu durante meses com episódios de drama e humor. Uma banca jornais foi assaltada e levaram dezessete exemplares de Amazônia (CIVITA, 1971).

A revista fechou, em 1976, vendendo 120 mil exemplares por mês e virou um mito, especialmente entre jornalistas, por causa de suas grandes reportagens, primorosamente apuradas e editadas. Trata-se de uma publicação que representa uma época e entendendo sua trajetória, vida e morte, é possível compreender também muito do que é peculiar ao universo do jornalismo em revista (SCALZO, 2013).

Foram esses motivos que fundamentaram o objetivo dessa pesquisa: verificar por meio de análise de conteúdo como a revista Realidade – referência jornalística durante o principal período de ocupação migrante e imigrante na Amazônia – abordava a região, quais as pautas mais habituais e como a política de integração foi relatada por esse veículo de comunicação.

Metodologia

Foram analisadas as edições da revista Realidade publicadas nos três primeiros anos de sua criação, 1966 a 1968, e nos anos de 1971 a 1973. Esses anos foram escolhidos por fazerem parte de períodos em que o governo federal começa a tomar iniciativas para a ocupação da Amazônia por meio da criação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e do Plano de Integração Nacional.

A metodologia utilizada foi a Análise do Conteúdo, que de acordo com Herscovitz (2010), revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. Pode ser usada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos.

A pesquisa foi feita com as edições digitalizadas disponíveis no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Por meio da ferramenta de pesquisa do website procurou-se, em todas as 120 edições, encontrar as matérias com a temática Amazônia por meio da palavra-chave “Amazônia”.



Após esse levantamento, foram analisadas todas as reportagens que continham a palavras-chave nas edições produzidas no período escolhido, sendo 33 edições entre 1966 a 1968 e 36 edições entre 1971 a 1973, totalizando 69 edições. Após a análise das matérias, foram excluídas as reportagens em que a Amazônia não era o tema principal.

Atualmente, as matérias jornalísticas sobre assuntos ambientais têm sido constantes nos veículos de comunicação. Os temas abrangidos por esses veículos têm-se diversificado a partir do momento que novas espécies e relações ecológicas têm sido descobertas. Observando essas matérias, é possível selecionar três temas que têm grande relevância e são abundantemente citados pela mídia em geral.

Por isso, as matérias incluídas na pesquisa foram divididas em três temáticas:

- a) Comunidades tradicionais
- b) Biodiversidade
- c) Relações socioambientais

No tema comunidades tradicionais estão inclusas as reportagens que tem como pauta a população que já vivia na Amazônia antes das grandes migrações. De acordo com Santilli,

Quando falamos em comunidades tradicionais, incluímos neste conceito não apenas as comunidades indígenas, como também outras populações que vivem em estreita relação com o ambiente natural, dependendo de seus recursos naturais para a sua reprodução sociocultural, por meio de atividades de baixo impacto ambiental: são as comunidades extrativistas, de pescadores, remanescentes de quilombos (SANTILLI, 2005, p. 23).

O assunto Biodiversidade retrata matérias com viés relacionados a diversidade ecossistêmica extinção e descoberta de novas espécies da fauna e flora, conceitos de preservação, entre outros.

De acordo com o texto da Convenção da Diversidade Biológica:

Biodiversidade é a variabilidade entre os organismos vivos de qualquer fonte incluindo, entre outras coisas, os ecossistemas terrestres e marinhos e outros ecossistemas aquáticos e complexos ecológicos dos quais fazem parte, compreende a diversidade dentro de cada espécie, entre as espécies e dos ecossistemas (PNUMA, 2010).

Na temática Relações Socioambientais estão as reportagens que abordam a relação entre o ser humano e o ambiente em que vivem. Também estão inseridas nesse tema as



matérias que abordam as relações entre o estado e região amazônica, quando influenciam nos impactos a floresta e as comunidades tradicionais.

Segundo Alfredo Pena-Veja (2005), Edgar Morin afirma que a tarefa da nova consciência ecológica é modificar a noção de natureza que é hegemônica nas Ciências Biológicas - “para as quais a natureza era somente a seleção dos sistemas vivos e não um ecossistema integrador dos ditos sistemas” (PENA-VEGA, 2005, p. 34) - e nas as Ciências Sociais - “para as quais a natureza era amorfa e desordenada” (idem, p. 35) - além de também mudar “a concepção da relação ecológica entre um ser vivo e seu meio” (idem, p. 36).

Dentro das matérias de relações socioambientais destacam-se o consumismo de todos os recursos, renováveis ou não, que trazem a poluição, o lixo, às queimadas, o desmatamento, a falta de critérios na utilização da água, do solo, a ação de grileiros e pecuaristas. Tudo isso causado pela busca do “desenvolvimento” desenfreado, a todo custo.

Quadro 1 – Temas & Exemplos de Palavras-chave

Temas	Exemplos de Palavras-chave
Comunidades tradicionais	População indígena, ribeirinhos, quilombolas, agricultores extrativistas, pescadores...
Biodiversidade	Vida, ecologia, aspectos éticos, proteção, conservação e preservação...
Relações Socioeconômicas	Finitude de recursos, desmatamento, poluição, consumo responsável, agronegócio, super-exploração, urbanização, demografia, políticas públicas (infraestrutura)

Fonte: Sistematização dos autores (2023).

Resultados

A pesquisa com a palavra-chave “Amazônia” apareceu 390 vezes durante pesquisa em todas as 120 edições de revista Realidade, disponibilizadas pela Hemeroteca Nacional.

Nas edições publicadas nos anos pesquisados a palavra “Amazônia” aparece 310 vezes, de acordo com as tabelas abaixo:

Tabela 1 - Década de 1960 – 1966 a 1968

1966		1967		1968	
Edição 01	4	Edição 10	1	Edição 22	0
Edição 02	1	Edição 11	0	Edição 23	3
Edição 03	0	Edição 12	4	Edição 24	0
Edição 04	0	Edição 13	1	Edição 25	4
Edição 05	0	Edição 14	2	Edição 26	2
Edição 06	1	Edição 15	5	Edição 27	2
Edição 07	0	Edição 16	0	Edição 28	0
Edição 08	0	Edição 17	4	Edição 29	1
Edição 09	1	Edição 18	1	Edição 30	1
TOTAL	7	Edição 19	0	Edição 31	3
		Edição 20	0	Edição 32	0
		Edição 21	2	Edição 33	2
		TOTAL	20	TOTAL	18

TOTAL GERAL 45

Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

Tabela 2 - Década de 1970 – 1971 a 1973

1971		1972		1973	
Edição 58	0	Edição 70	3	Edição 82	4
Edição 59	0	Edição 71	2	Edição 83	2
Edição 60	0	Edição 72	6	Edição 84	0
Edição 61	1	Edição 73	0	Edição 85	0
Edição 62	2	Edição 74	22	Edição 86	3
Edição 63	0	Edição 75	0	Edição 87	1
Edição 64	0	Edição 76	3	Edição 88	5
Edição 65	1	Edição 77	8	Edição 89	0
Edição 66	1	Edição 78	2	Edição 90	1
Edição 67	167	Edição 79	0	Edição 91	1
Edição 68	3	Edição 80	18	Edição 92	2
Edição 69	4	Edição 81	1	Edição 93	2
TOTAL	179	TOTAL	65	TOTAL	21

TOTAL GERAL 265

Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

Ao analisarmos a quantidade de reportagens produzidas tendo a Amazônia como tema, percebemos que, entre 1966 a 1968, foram poucas as reportagens produzidas conforme tabela abaixo. Das 33 edições publicadas entre 1966 a 1968, cinco tiveram ao menos uma reportagem que abordasse a Amazônia.



Tabela 3 - Matérias com o tema Amazônia na década de 1960

1966		1967		1968	
Edição 01	0	Edição 10	0	Edição 22	0
Edição 02	0	Edição 11	0	Edição 23	0
Edição 03	0	Edição 12	0	Edição 24	0
Edição 04	0	Edição 13	0	Edição 25	0
Edição 05	0	Edição 14	1	Edição 26	0
Edição 06	0	Edição 15	1	Edição 27	0
Edição 07	0	Edição 16	0	Edição 28	0
Edição 08	0	Edição 17	1	Edição 29	0
Edição 09	1	Edição 18	0	Edição 30	0
		Edição 19	0	Edição 31	1
		Edição 20	0	Edição 32	0
		Edição 21	0	Edição 33	0
TOTAL	1	TOTAL	3	TOTAL	1
TOTAL GERAL	5				

Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

Durante o início da década de 1970, seis edições com 23 reportagens tiveram como assunto principal o bioma amazônico e sua população. Importante ressaltar que a edição número 67, foi uma revista especial sobre a Amazônia e suas transformações o que elevou bastante a quantidade de material pesquisado. Podemos observar conforme demonstra a tabela abaixo:

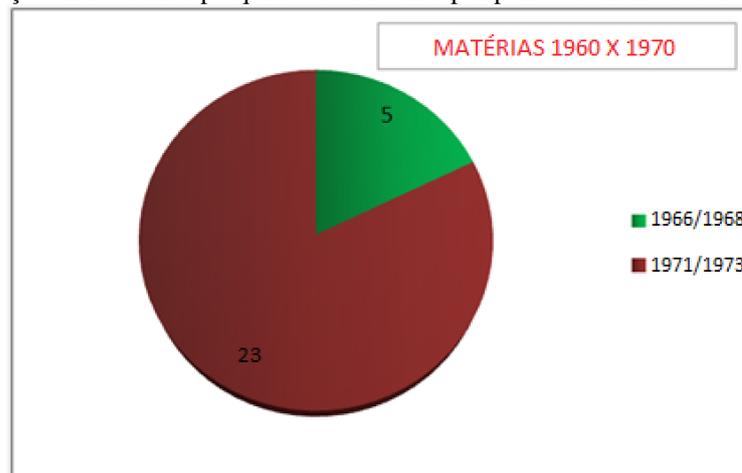
Tabela 4 - Matérias com o tema Amazônia na década de 1970

1971		1972		1973	
Edição 58	0	Edição 70	0	Edição 82	1
Edição 59	0	Edição 71	0	Edição 83	0
Edição 60	1	Edição 72	0	Edição 84	0
Edição 61	0	Edição 73	0	Edição 85	1
Edição 62	0	Edição 74	0	Edição 86	0
Edição 63	0	Edição 75	0	Edição 87	0
Edição 64	0	Edição 76	0	Edição 88	0
Edição 65	0	Edição 77	1	Edição 89	0
Edição 66	0	Edição 78	1	Edição 90	0
Edição 67	17	Edição 79	0	Edição 91	0
Edição 68		Edição 80	0	Edição 92	0
Edição 69	1	Edição 81	0	Edição 93	0
TOTAL	19	TOTAL	2	TOTAL	2
TOTAL GERAL	23				

Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)



Figura 1 - Comparação entre os anos pesquisados / Matérias por períodos analisados: 1966/1968 e 1971/1973



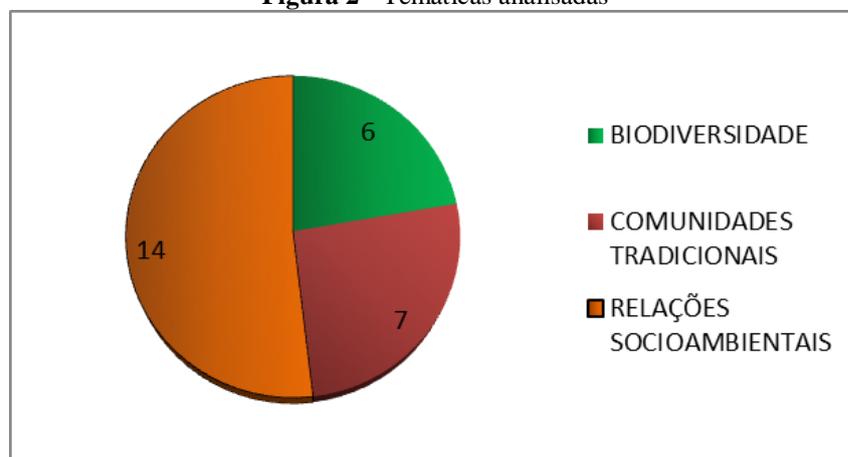
Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

Pelo gráfico, fica clara a disparidade entre a produção de matérias sobre a Amazônia entre os anos analisados.

ABORDAGEM POR TEMAS POLÊMICOS

Sobre as temáticas foi possível verificar que, de todas as edições pesquisadas, a temática Relações Socioambientais foi a mais abordada, seguida por Comunidades Tradicionais e Biodiversidade.

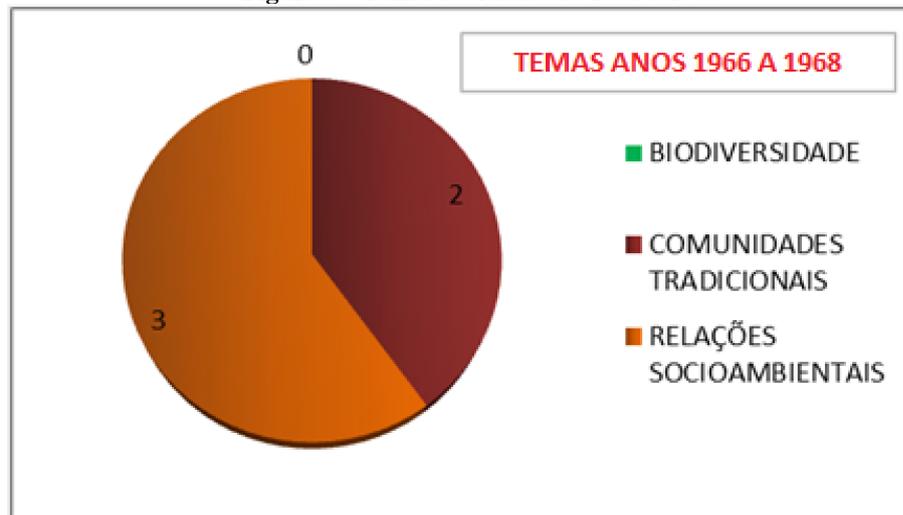
Figura 2 - Temáticas analisadas



Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

Nas edições analisadas de 1966 a 1968, o tema Relações Socioambientais é o mais abordado com três reportagens, Comunidades Tradicionais teve duas, o tema Biodiversidade não foi abordado, conforme descrito pelo gráfico abaixo:

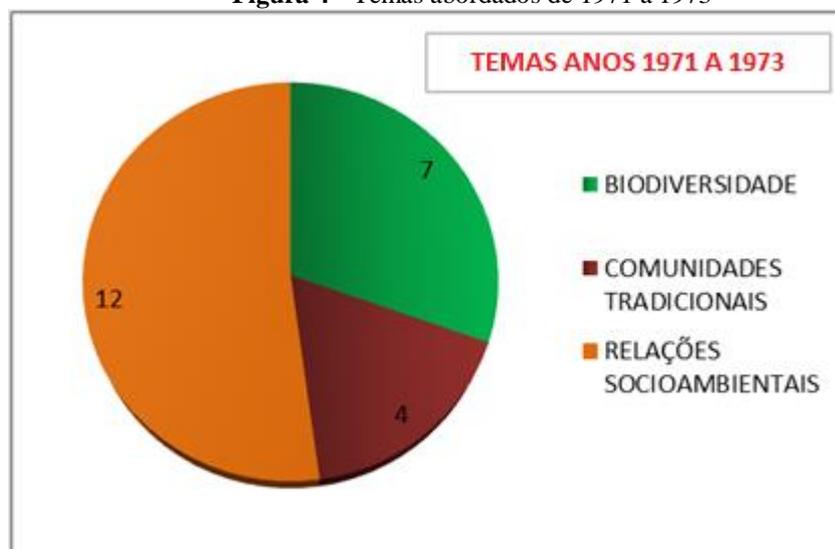
Figura 3 - Temas abordados de 1966 a 1968



Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

Nos anos 1971 a 1973 o tema preferido também foi Relações Socioambientais, seguido por Biodiversidade e Comunidades Tradicionais.

Figura 4 - Temas abordados de 1971 a 1973



Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

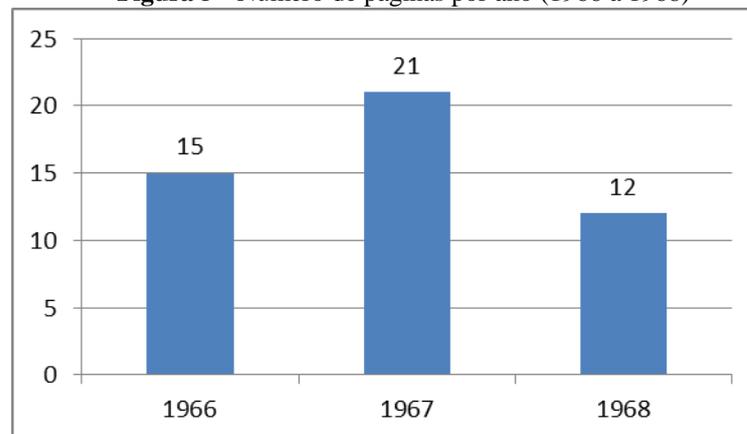
Também foi analisado o número de páginas que cada edição pesquisada dedicou ao tema Amazônia, e os resultados são refletidos pelo gráfico abaixo.

As cinco edições pesquisadas no período de 1966 a 1968 dedicaram 33 páginas. No ano de 1966, a edição de número 09 dedicou 15 páginas para a matéria “Estas crianças estão fora”, que conta a história sobre a guerra da etnia Caiabi contra a invasão dos seringueiros em suas terras.

Já a edição 14, de 1967, dedicou sete páginas à matéria “A boa alma dos Villas Boas”, que fala sobre a ação dos irmãos Villas Boas no Parque do Xingu. Na edição 15, a reportagem “Estamos em pleno rio”, onde o repórter fez a viagem Belém-Manaus de barco, teve nove páginas.

No ano de 1968, a reportagem “Cruzeiro não conhece o Brasil” fala sobre a distante cidade de Cruzeiro do Sul no Acre e teve 12 páginas.

Figura 5 - Número de páginas por ano (1966 a 1968)



Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

As edições situadas entre 1971 a 1973 tiveram um número maior de páginas, ressaltando que só a edição número 67 teve 212 páginas dedicada ao tema. A matéria “Parque do Xingu”, da edição 60 publicada em 1971, teve oito páginas. A reportagem fala sobre a cultura da pajelança entre as nações do parque.

Em 1971, tivemos uma edição número 67, especial sobre a Amazônia, que foi o destaque do período pesquisado. A reportagem “Amazônia opinião” teve 13 páginas e contou com entrevistados de várias áreas, tendo como tema a região. A matéria “Viagem ao planeta do verde, da água e do sol” é um ensaio fotográfico de 14 páginas. “A nossa vida nos trópicos” mostra como vive a população das principais cidades da região e tem 14 páginas. O



texto “Você já se imaginou sem a Amazônia” teve uma página. Já o texto “Amazônia, ontem” foi publicado com 16 páginas e conta a história da região desde a ocupação pelos espanhóis.

“Amazônia, hoje” teve 21 páginas e revela como vivem as populações do interior da floresta, enquanto a reportagem “A fronteira da aventura” - que relata a vida de um americano que vive na fronteira com a Colômbia exportando animais vivos – contou com 13 páginas. Com o foco nas políticas de assentamento recém lançadas, “Amazônia amanhã” teve 23 páginas, a maior da edição. Ainda temos “A vida que vem do verde”, que traz para o debate sobre o desmatamento intenso e função da floresta para o planeta, com 12 páginas, e também “Morreram as cidades e o homem (na Amazônia encontra...)”, que descreve um arquiteto e suas ideias de construção sustentável e vem em três páginas. A reportagem “Imagens de um massacre” trata a caça de animais silvestres na região em oito páginas.

“A lei proíbe, mas quem cumpre”, que mostra a falta de fiscalização sobre a caça na região, teve seis páginas. Em “Os estrangeiros (um fato) roubam a Amazônia (uma opinião) roubam mesmo? (uma questão)” levanta o questionamento sobre a intensa chegada de imigrantes ao lugar em 18 páginas. A reportagem intitulada “Dizem que ele tem um exército secreto no país. Mas o que ele tem é um país” aborda a história de um madeireiro norte americano que possuía mais de 1.000.000 de hectares de terra no Pará e teve 12 páginas. “A última chance dos últimos guerreiros” analisa a questão indígena da região e tem 11 páginas. Por fim, a matéria “Indicações” é um glossário com diversos verbetes sobre o ambiente e a economia da região e possui 43 páginas.

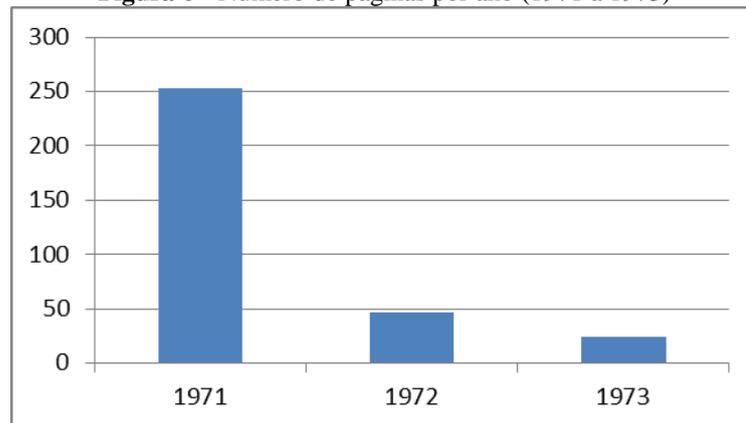
Em 1972, 45 páginas foram dedicadas ao assunto. Na edição 72, a reportagem “Comprei esse escravo”, que trata do trabalho escravo na região, teve sete páginas.

A edição 77 apresentou um capítulo com 23 páginas que intitulou de “Ecologia”. Destas, 21 páginas falavam de Amazônia. A reportagem “Nossos bosques tinham mais vida” trata de desmatamento, caça e pesca predatória em 10 páginas. A matéria “Estas nós já matamos” aborda as espécies de animais e plantas já extintos e tem seis páginas.

Em 1973, somente dois números da revista apresentaram matérias com o tema Amazônia. A edição 82, traz a matéria “Amazônia, inverno e verão” sobre as cheias e secas que atingem a região com 10 páginas. Já a edição 85, dedicou 11 páginas a reportagem “Um ano em busca dos gigantes”, sobre a etnia Kranhacãrores.



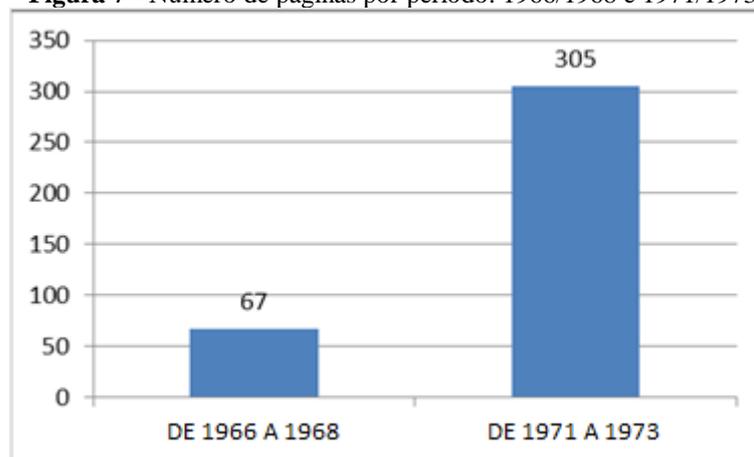
Figura 6 - Número de páginas por ano (1971 a 1973)



Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

O gráfico abaixo demonstra que nos anos 1970 foram dedicados mais espaço aos temas sobre a região amazônica pela revista Realidade do que nos anos 1960.

Figura 7 - Número de páginas por período: 1966/1968 e 1971/1973



Fonte: Hemeroteca Nacional (2023)

Considerações Finais

Podemos afirmar que na década de 1960, mesmo com a criação da Sudam, em 1966, a região Amazônica ainda não tinha importância como pauta jornalística na revista Realidade.

A maioria dos textos jornalísticos que abordavam a região dedicavam-se a histórias sobre populações indígenas como a matéria da edição 09, com o título “Estas crianças estão salvas”.





Também a questão da ocupação da região pelos imigrantes foi timidamente tratada, o que pode ser comprovado na edição 17, de agosto de 1967, que traz a matéria “A história de um pequeno herói”.

Matérias sobre preservação e conservação do bioma e de sua biodiversidade não tiveram espaço no período pesquisado.

Já na década de 1970, as reportagens com a temática Amazônia cresceram vertiginosamente em comparação ao período passado. Inclusive com a publicação de uma edição especial sobre a região, intitulada “Amazônia: a amanhã está chegando”, a publicação teve 348 páginas, 17 matérias com média de 12 páginas por matéria.

No período pesquisado (de 1971 a 1973), pudemos observar que todas as temáticas definidas para a pesquisa foram englobadas. Até mesmo o tema Biodiversidade, com viés de preservação e conservação do bioma.

A criação do Plano de Integração Nacional, em 1970, e a realização da I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano podem ter contribuído para que a temática tenha ganhado mais destaque nesse período. Em 1972, a Organização das Nações Unidas (ONU), reunindo conjuntamente os países e a comunidade científica, realizou a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente, entre os dias 5 a 16 de junho, em Estocolmo (AGUIAR, 2005; MORADILLO e OKI, 2004).

A pesquisa pode concluir que houve um aumento da importância do tema para a publicação, que destinou 353 páginas para reportagens e que seguiam o padrão do *Newjournalism*, com textos descritivos e muitas fotografias.

Outra característica revista Realidade que pode ser notada pela pesquisa é que as temáticas das primeiras matérias abordavam a questão da necessidade de ocupação e integração da região ao país. Já nas últimas edições analisadas, as reportagens também se mostravam preocupadas com a preservação da biodiversidade.

Referências

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 9., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-15.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 5.173, de 27 de outubro de 1966. Brasília, DF, 27 out. 1966. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15173.htm. Acesso em: 25 jun. 2020.





RELEM – Revista Eletrônica Mutações
©by Ufam/Fic/Icsez

BRASIL. Presidência da República. Decreto-lei nº 11.106, de 16 de junho de 1970. Brasília, DF, 16 jun. 1970. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1106.htm. Acesso em: 25 jun. 2020.

CIVITA, Victor. Carta do Editor. **Revista Realidade**, São Paulo, v. 6, n. 67, p. 3, out. 1971.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968**. Tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Ed. Ulbra, 1999.

GIRARDI, Ilza Marinho Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de (Orgs.). **Ecoss do planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 123-142.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Biodiversidade da Amazônia: um novo Eldorado? **Revista de Política Agrícola**, v. 11, n. 3, p. 61-71, jul./set. 2002.

MASSIERER, Carine. As rotinas de produção jornalística como o novo vilão do meio ambiente. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de (Orgs.). **Ecoss do Planeta: estudos sobre informação ambiental e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011. p. 11-30.

MENEZES, Fernando Dominiciene. **Enunciados sobre o futuro: ditadura militar, transamazônica e a construção do "Brasil Grande"**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MORADILLO, Edilson Fortuna de; OKI, Maria da Conceição Marinho. Educação ambiental na universidade: construindo possibilidades. **Química Nova**, v. 27, n. 2, p. 332-336, 2004.

PENA-VEGA, Alfredo. **O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PNUMA - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Panorama da Biodiversidade Global 3**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2010. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/734/2/Panorama%20da%20Biodiversidade%20global%203.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SANDES, José Anderson Freire. Revista Realidade: como um romance? In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 16., 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Intercom, 2014. p. 1-15.

SANTILLI, Juliana. **Socioambientalismo e novos direitos**. Brasília: Ed. Peirópolis, 2005.



Manuscrito licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional.

Relem, Manaus (AM), v. 15, n. 25, jul./dez. 2022.



RELEM – Revista Eletrônica Mutações
©by Ufam/Fic/Icsez

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2013.

VERÍSSIMO, Adalberto. Amazônia Brasileira: o desafio de conciliar desenvolvimento e conservação. In: TRIGUEIRO, André (Org.). **Mundo sustentável 2: os novos rumos para um planeta em crise**. São Paulo: Globo, 2012. p. 203-224.

